THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class PQ9261
Book .T35F6

2870
4841

JOÃO DANTAS.

FLORES INCULTAS

POESIAS.

ARCOS

TYPOGRAPHIA «ARCOENSE».

1875.

887270
'29

FLORES INCULTAS

387270
'29

JOÃO DANTAS. de Sousa offerece ao Exmo Dr.

A. F. F. Thenurdo.

FLORES INCULTAS.

1875.

PQ 9261
.I35F6

387270
'29

AMK 27 S35

AOS SEUS AMIGOS

NO

RIO DE JANEIRO

OFFERECE

O AUCTOR.

ARCOS

Typographia *Arcoense* de M. A. da Silva Coelho.

RUA DA BALLETA.

1875.

No anno de 1859 dei ao prélo o meu primeiro volume de poesias...

Um similhante arrojo devi-o eu mais ás influentes instancias de alguns bons amigos, do que á vaidosa pretenção de ver o meu nome estampado na frente de um livro.

Foi no Rio de Janeiro. A' bondade do publico, —do tam benevolo publico d'aquella capital aonde residi os melhores treze annos de minha vida, e d'onde ainda conservo bem gratas reminiscencias, fiquei eu devendo a lisongeira acceitação que tiveram as primicias de meu debil engenho.

E', pois, a esse publico, e mais particularmente áquelles meus amigos, como prova de intima gratidão, grande estima, e muitissima saudade, que offereço estas minhas pobres—*Flores Incultas.*

Janeiro de 1875.

João Dantas de Sousa.

Aussitôt que l'oiseau
Pense se soutenir dans l'air avec son aile,
Il fuit loin de sa mère, á ses soins infidèle,
Se reposant parfois au sommet d'un roseau;
Heureux si l'oiseleur sous son réseau perfide
N'arrête pas son vol a peine commancé !
Prenez garde au critique, oiseleur exercé :
Allez, mes oiselets, ou vá l'oiseau timide !

E. DO ROSAY.

I

INVOCAÇÃO.

Vem, carinhosa amiga! nos meus labios
Vem poisar inda um osculo—memoria
Da luz que me sorriu...
Vem recordar-me os dias venturosos,
Essa quadra feliz de amigas crenças
Que tam breve fugiu.

Vem, illusão das gratas innocencias,
Meu crestado vergel por sol d'estio
Mais uma vez florir...
Anjo meu dos mais castos devaneios,
Vem como out'rora junto a mim fagueira
Ternuras repetir.

Vem imagem fugaz dos sonhos lucidos
Meu pobre coração ainda um instante
De novo hoje animar...
Filha propicia da mansão etherea,
Vem aos ouvidos meus de crenças puras
Um hymno segredar.

Vem, mariposa linda, que na infancia
Alegre volitavas entre as flôres
De meu grato jardim;
Vem, como vinhas quando mesmo ás vezes,
Se eu buscava pilhar-te, parecias
Ludibriar de mim.

Vem, casta diva de roupagens niveas,
Co' os labios teus as faces rociar-me
Cobertas de pallôr;
Vem—e deixa que seja a luz esplendida
De teus olhos o sol de primavera
Que me falle de amor!

Vem, divindade em fim, de cujos labios
Vi em sorrisos dimanar venturas
Nos dias infantis...
Não me importa o morrer!—mas um momento,
Mas um momento ainda como out'rora
Eu quero ser feliz!

Agosto de 1859.

II

ULTIMOS MOMENTOS DE CAMÕES.

Homero, Ovidio, Tasso estranhos cysnes
Vós que sorvestes do infortunio a taça,
Vinde depôr as c'rôas da desgraça
Aos pés do cysne luso !

SOARES DE PASSOS.

Sobre uma enxerga estendida
Em um catre velho e ruim
Eis-me no cabo da vida
Pobre, enfermo... velho emfim !
Sem uma manta singela

Que do frio que enregela
Me abrigue os membros senis
Eis-me esperando a mortalha
Que tarde... tarde agasalha
Os restos de um infeliz!

Que sorte!... que sorte a minha!
Que vida!... que vendaval!
E a inveja torpe e mesquinha
Só conspirando em meu mal!...
Fatalidade inaudita!
Só uma crença bemdita
Me tem salvado a rasão...
Talvez ha muito que a vida
Deixado houvera—suicida,
Se não fôra o ser christão.

Mas eis-me emfim!—da jornada
Venci o termo—cheguei...
Porém que piso de estrada!
Com quanto escolho topei!
Patria ingrata que em olvido
A um filho que te ha servido
Deixas sem tecto e sem pão,
Apontado á caridade
Nas praças d'essa cidade
Por escravo humilde e bom!

Amei... muito amei! Sublime,
Foi o meu primeiro amor...
E eis o meu tremendo crime,
Eis minha culpa maior!
Mandado p'ra alem dos mares...
D'Africa sob os palmares
Pela patria combati...
E lá foi onde no embate
De effervescente combate
D'um olho a vista perdi.

Contra mim o mar revolto
Tive ainda—naufraguei...
Das ondas á furia solto
Luta com ellas travei!
Venci-as!... e em duplo alento
Roubei ao salso elemento
Um pobre escravo—o meu Jáo...
E na dextra, qual emblema,
Um thesouro—o meu poema
Escripto junto a Macau.

O meu poema!—da historia
Aonde as vozes gravei,
Aonde da patria a gloria
N'algumas 'stróphes cantei
Esses versos tam amados,

Em que empreguei meus cuidados
E minhas inspirações...
Cantos... hoje sem valía,
Mas que aos vindouros um dia
Farão lembrado Camões.

Pela patria e pela imagem
D'aquella que tanto amei,
Tendo a gloria por miragem
Com esforço batalhei...
De frente sempre o inimigo
Procurei,—que ainda comigo
Trago o indelevel signal.
Caminhando sempre ovante
Foi-me divisa constante—
Catharina—Portugal!...

Portuguez—só pela gloria
De minha patria pugnei,
Soldado,—sempre á victoria
Levar a espada tentei.
Poeta, tentei os louros
Da patria aos sec'los vindouros
N'alguns versos repetir.
Christão,—respeitei as crenças
Que meus pais, n'esta alma, intensas,
Me souberam imprimir.

Tenho por fio a existencia,
E quasi á campa a descer
Não me accusa a consciencia
De ter faltado a um dever...
Mas os meus sonhos dourados?
Mas esses trophéos sonhados?
Mas os virentes laureis?
Eil-os ahi—uma espada,
Uma enxerga esfarrapada,
E alguns maços de papeis!

Jáo!... meu pobre Jáo, eu morro...
E' tempo de repousar...
Não vas mendigar soccorro,
Que já não posso esperar...
As forças vão-me faltando;
Vão-se-me os pés resfriando:
Conheço proximo o fim...
Sinto o sangue a congelar-se...
Está tudo a terminar-se...
Não te separes de mim!

Ao menos sê tu comigo
N'este instante derradeiro...
Tu que foste o meu amigo
E meu fiel companheiro...
Adeus... adeus... não me custa

Morrer hoje, nem me assusta
Da eternidade a visão!
A' patria morro abraçado:
Nem já me sinto humilhado
Com a sua ingratidão.

Adeus... adeus... n'este instante
Nada tenho que legar-te...
E mal posso agonisante
Nos braços inda estreitar-te...
Mas... vem... a mim te aproxima:
Um movimento que exprima
Os tristes desejos meus...
Só de ti levo a saudade
Para além da eternidade...
Adeus... pobre Jáo... adeus...

março de 1870.

III

PRELUDIOS.

Por que em tua face angelica
Meiga donzella formosa,
A purpurea côr da rosa
Foi gratamente pairar,
Quando o outro dia eu em duvida
Junto de ti, quasi a medo,
Foi de minh'alma um segredo
Em segredo te fallar?

Com sorriso terno e candido,
No seio a fronte pendida,
Dizes não saber, querida,
Por que mudaste de côr?...
Pois eu sei:—mimosa, ingenua,
Tu córaste, feiticeira,
Por ser essa a vez primeira
Que ouvias fallar d'amor.

Dize agora: se os meus labios
Todos febre de desejos
Aos teus furtarem mil beijos
Hasde córar como então?...
Ai, não respondes; mas languidos,
Dizem teus olhos bregeiros
Que hasde córar... aos primeiros;
Mas aos segundos—já não.

setembro de 1859.

IV

FRAGMENTOS.

E julgo vel-a ainda,—a innocentinha
De minha pobre amada! Sobre a fronte
Que o palôr lhe velava, a mão da morte
Já seu cunho fatal quasi gravára!
Duvidei a principio conhecel-a...
Tal era emfim o estado lastimoso
A que achei reduzida a pobre Arminda!
Tentei fallar-lhe em vão... era a surpresa

A embargar-me a palavra... Debrucei-me
Em seu leito d'angustias, e vergados
Os joelhos prostrei no pavimento...
Que dôr aquella minha! Que martyrio
Aquelle meu d'então!... Após instantes
Pude chamal-a. Ouviu-me. Conheceu-me
Ainda a voz a triste. Mesmo a custo
Tentou sorrir mais uma vez. As palpebras
Descerrou a fitar-me ainda momentos,
E de novo as fechou... Da morte o gladio
Cortára n'esse instante o fio extremo
Que o espirito á materia lhe prendia.....
.....
.....

Oh! quantas dôres, anjo meu, na vida
Tão curta em dita e longa em desventura
Tu me foste devendo! Quantos dias
Em tam breve existencia, de tua alma
Coando a dôr em lagrimas que á morte
Te levaram por fim! E, desgraçado,
E, misero de mim, eu só o unico
Que as flôres decepando da capella
De tua fronte de virgem, reduzira
Tanta luz de esperança, e tantos dias
De crenças n'um amor que te inspirára
A' sicuta de morte ao fel do abysmo!...
.....
.....

Perdoa-me, anjo lindo,—é grande, é immensa
A dôr que sinto de te haver perdido...
Perdoa-me, anjo bom,—é immenso, é grande
O remorso que sinto n'alma afflicta
A pungir-me a existencia. Fui covarde
Vilão fui abusando da loucura
A que insonte paixão te reduzira...
Perdoa-me, anjo lindo, como eu creio
Que Deus te perdoasse—por ventura,
Se na innocencia culpa existir póde...
Eu, triste, eu, triste, o unico culpado
Na falta commettida fui sómente!
Porém tu não, que amavas muito e tanto
Em mim acreditavas! Ai, perdoa-me;
E em nome, não do amor que me votaste,
Mas da saudade eterna que no peito
Deixar-me tu podeste; e mesmo ainda
Em nome do mais intimo remorso
Que sinto pelo mal que te hei causado.
Aos pés do Eterno o meu perdão implora.

V

DEUS.

Do mar na immensidade, na extensão do horisonte,
Na cuspide do monte,
Na abobada dos céos,
Nos desertos areaes, no pendor das collinas,
No plaino das campinas
Leio a palavra—Deus.

Deus, na flôr do tojeirinho
Lá nas quebradas da serra;
Deus, na rosa que descerra
Ao despontar da manhã;
Deus, no lyrio solitario
Que a fronte pende no outeiro;
Deus, inclinada ao ribeiro,
Na violetinha louçã;

Deus, na lympha preguiçosa
Entre o pedral que serpeia;
Deus, lá da praia na areia
Que vem as ondas banhar;
Deus, na industriosa abelhinha
Sorvendo o nectar ás rosas;
Deus, nas lindas mariposas
Nos vergeis a doudejar;

Deus, escondida entre as selvas,
No descantar da avesinha;
Deus, no gemer da rolinha
Saudades do seu amôr;
Deus, no manso cordeirinho
Que segue a mãe pela mata;
Deus, no quebrar da cascata
Com seu sinistro fragôr;

Deus, no favonio que passa
Entre a folhagem a medo ;
Deus, no arquejar do arvoredo
Ao prepassar do aquilão ;
Deus, no raio que atravessa
Toda a esphera n'um repente ;
Deus, magestoso e imponente,
No ribombar do trovão !

Deus, na immensa variedade
Dos peixes que o mar povoam ;
Deus, nas vozes que resoam
Da natureza em redor ;
Deus, na féra do deserto ;
Deus, no insecto pequenino ;
Deus, no arroio crystallino ;
Deus, do prado no verdor ;

Deus, em fim na planta humilde
Que nem quasi a vista alcança ;
Deus, dos mares na bonança,
Ou rebramindo em 'scarceos :
No giro firme dos astros,
Das estações na certeza,
Vejo de Deus a grandeza,—
E' tudo a expressão de Deus !

Cego, mudo, insensivel,—miseravel materia,
Se na terra ha quem seja, oh! deve ser o atheu!
Adoro-vos, meu Deus, de Vós são testemunho—
O infinito do espaço, a terra, o mar e o céo!

junho de 1869.

VI

PARA QUÊ?

Para quê tantos enfeites?
Virgem linda, para quê...
Pois julgas tu que mais brilho
Isso a teus encantos dê?...

Não dá, não,—despe essas galas
Que te não ficam melhor;
Deixa que, humilde, mais brilhe
A tua innocencia em flor.

Olha que o amor sincero
Não dá valor a ouropel,
Que antes offusca os enleios
D'uma candura fiel.

És nova, és bella, despresa
Tanto andrajo de riqueza;
Assim bem menos me agradas,
E offendes a natureza.

Tem mais encanto a modestia
Que em ti mais brilha e seduz;
Orna-te mais esse pejo
Que em tuas faces preluz.

Tira pois,—despresa as galas
Que te não ficam melhor;
Deixa que, humilde, mais brilhe
A tua innocencia em flor.

agosto de 1864.

VII

NO ALBUM.

DA EX.ma SR.a D. M. F. G. R.

Senhora, o livro da vida
Tem folhas de varias côres,
Umas compostas d'espinhos,
Compostas outras de flôres

A. LIMA.

Sobre uma folha despida,
Escondida
D'este vosso album no meio,
O que deixar-vos, Senhora,
Posso agora
Despido d'algum receio?

Sorriu-me, quando creança,
Muita esp'rança
N'um horisonte sem fim ;
E, pois, de gratos amores
Que de flôres
Cultivei no meu jardim

Mas é que então cada bella
Linda estrella
Para mim era a sorrir ;
E em cada estrella que amava
Soletrava
Um encantado porvir.

N'esse tempo cada virgem
Dava origem
No meu peito a casto amor ;
E em cada mulher formosa
Via a rosa
Sem os espinhos da flôr.

Porém hoje—e cedo ainda—
Choro a linda
Quadra d'amor que passou,
E que comsigo ligeira,
Traiçoeira,
A ventura me levou.

Hoje as illusões do mundo
Olho a fundo
De descrença com sorrir;
Inda n'aurora da vida
Vi perdida
Toda a crença no porvir.

Nada, pois, tenho eu agora
Que, Senhora,
Aqui vos possa deixar.
Perdoai se vim com prantos
Os encantos
De vosso album marear.

outubro de 1850.

VIII

A COMMUNHÃO DA VIRGEM.

Do templo sob as abobadas
—Mimoso quadro de Rubens!—
D'incenso em rolo entre nuvens
Eil-a a donzella a tremer:
Envolve-lhe a fronte angelica
Diaf'no véo de pureza,
Mais exalçando a belleza
Que Deus lhe quiz conceder.

Virgem feliz!—virgem candida,
Aos céos eleva uma prece:
Da terra toda se esquece,
Té da familia... uma vez:
Seus pensamentos mais intimos
Ao Ser Eterno elevados,
Péde perdão de peccados
Sem ter peccado talvez.

Dos olhos o brilho fulgido
Alevanta ao crucifixo;
E com o olhar n'elle fixo
Medita... chora por fim.
Limpa depois suas lagrimas
Meigamente, e commovida
Volta a vista distrahida
Que acaso põe sobre mim.

Toda pejo e medo, trémula,
Volta seu rosto encantado:
Vê sua mãe a seu lado,
Fita-a com doce expressão:
D'ella a um aceno levanta-se,
Pendida a fronte no peito,
Vai toda humilde respeito
Poisar-lhe um bejo na mão.

Abraça depois com jubilos
Seus irmãosinhos—creanças...
Depõe no céo esperanças;
Falla dos Santos e Deus.
Esconde nos seios timidos
As crenças no affecto puro.
Sorri-lhe n'alma o futuro:
Velam-na arcanjos nos céos.

abril de 1863.

IX

TARDES DE ESTIO.

Nas tardes calmosas de estio fagueiro,
Lá quando risonho descae no poente
O sol, que inda ha pouco crestára as boninas,
Das agoas mirando-se á luz transparente;

A' sombra de espessos, virentes olmeiros,
Que os ramos ostentam em ermo lugar,
Comtigo na mente, comtigo e não outra,
A sós pensativo me vou assentar.

A fronte reclino na molle alcatifa
De doce verdura que ao sol escapou,
E em meigo lethargo, revendo-te sempre,
Esqueço que soffro, que vivo, e onde estou.

Do rio fremente, que ao pé se despenha,
A espuma de prata desfeita em gemidos,
Vem branda correndo, de maga doçura
Não sei que mysterios fallar-me aos ouvidos.

No grato cicio das brisas olentes
Que a fronte me afagam de leve a roçar
Cobrindo-me as faces co' os soltos cabellos,
Eu julgo segredos d'amor escutar.

Nas tranças do bosque que as aves povoam,
E a aragem da tarde faz leve mover,
Parece que escuto teus frouxos vestidos
De leve roçando por mim a tremer.

E durmo, e repouso, sonhando delicias
Que os anjos só pódem no céo desfructar:
O grato favonio me embala esses sonhos
Trazendo-me as notas dos hymnos do mar.

A noite sómente com frio sudario
Me arranca ás venturas. Em sonhos ahi...
Te creio em meus braços, te julgo a meu lado,
E acordo chorando bem longe de ti!...

janeiro de 1862.

X

CONSUMMATUM EST.

Quia factus es susceptor meus, et refugium meum, in tributationis meae.

—PSALMUS.—

Dos cilios meus resvalam ardentissimas
A uma e uma as lagrimas de dôr...
Eu sinto-me culpado, mas contricto:
Perdão!... perdão Senhor!

Eu sinto-me culpado:—Sobre o peito
Amargamente a fronte me descae;
Falla-me n'alma a voz da consciencia
Meu Deus, Senhor, meu Pae!

Céos e terra se envolvem n'um sudario,
Triste sudario vosso, meu Jesus!
Deixae hoje qu'eu suba ao vosso Golgotha
E me abrace na cruz...

Das sacrosantas chagas fio a fio
Vosso sangue de todo se esvaiu,
E sobre as roxeas faces fundo sulco
O pranto vos abriu!

Sob o peso da cruz quasi de rastos
Vos fez o duro açoite caminhar!
Cuspiram-vos nas faces, e d'espinhos
Vos ousaram c'roar!

As mãos e os pés no tronco do calvario
Vos cravaram, Senhor Deus d'Israel,
E aos vossos labios pela febre ardidos
Chegaram torvo fel!

Salpicou sobre Vós sarcasmos torpes
Sanguisedenta plebe de infieis;
Por mortalha lençol mesquinho apenas
Vos deram, Rei dos Reis!

E vós que terra e céo nas mãos sustendes
Permittiste-o assim por nos salvar;
E aos algozes que a vida vos tiraram
Quizestes perdoar!

Perdoae-me tambem, Senhor, que venho
Ante vossa clemencia me cingir:
Bem me conheço do perdão indigno
Que vos venho pedir;

Mas concedei-m'o pelo sacrificio
Consummado por Vós sobre essa cruz!
Concedei-m'o por Vossa Mãe Santissima.
Perdão... perdão, Jesus!

abril de 1866.

XI

A PASTORA.

Destrenzado el cabello, el pie desnudo,
sujeto el pecho de la saya al broche
llorando por la selva divagava
noche tras noche.

L. M. DE LARRA.

Donzellinha que vagueias
Por estes montes além
Por que tremes? por que choras?
Fez-te acaso mal alguem?

Ferindo os pés nos espinhos
Por que tam cheia de medo
Tu esconder-te vieste
Aqui sob este rochedo?

Deixando á toa o rebanho,
Innocente pastorinha,
Fugiste como quem fóge
De féra que se avisinha.

Acaso tu por ventura
Por este monte em redor
Passar não viste algum dia
Como eu algum caçador?

Ou será por que medrósa
Vendo meu cão a correr
Tu receiaste, e é só d'elle
Que te vieste esconder?

Louquinha, o meu perdigueiro
Não te fazia algum mal,
Jámais o pobre coitado
Ha perseguido um zagal.

Teus pés rasgados das sarças
No teu fugir de medrosa
Mettem-me pena, e quizera
Assim não ver-te chorosa.

Co' a saia apanhada á cinta
Como tu és tentadora!
Que linda perna que tens!
Como és bonita, pastora!

Que lindo cabello louro!
Que linda face mimosa!
Eu jámais vi pelas salas
Como tu mulher formosa!

Que perfil! Os seios tumidos,
Do cansaço no pulsar,
D'entre o cortinho jaleco
Como te querem saltar.

Tu és aqui n'estes montes
Um sorrir do Creador,
Tu és um hymno de crenças,
Tu és um canto de amor.

Descuidosa e doudejante,
És em fragrante embrião
Rosa d'amor entreabrindo
Na mais propicia estação.

N'esse teu acanhamento,
N'essa tua ingenua pureza,
Brilha mais o meigo encanto
Que te deu a natureza.

E é por isso ainda mesmo
Que singéla, sem senão,
Vales bem mais do que as bellas
Artificiaes do salão.

Pastorinha, n'estes montes
Caçar de novo hei de vir;
Mas promette-me desde hoje
Que não mais me has-de fugir.

Promettes?... Já c'um sorriso,
Mimosa filha de amor,
Ai, que promessa que fazes
Ao pobre do caçador!

Pois tambem eu te prometto
Que um teu escravo hei-de ser?
A'manhã, linda pastora,
Tornar-nos-hemos a ver.

Agosto de 1862.

XII

ADEUS.

Julia, é tempo, adeus, ó vida,
Vou partir, adeus... adeus!
Sei quanto esta despedida
Vae ferir os dias teus;
Mas que fazer?—inclemente,
E' o destino sómente
Que hoje nos faz separar...
Eu vou; mas aqui te juro,
Jámais meu amor tam puro
Deixarei de te sagrar.

Tu choras!—Deixa esse pranto
Correr saudoso e amigo;
Eu já tambem chorei tanto
Antes de vir ter comtigo!
Chora, sim,—de lenimento
Serve o pranto ao soffrimento;
Porém tem fé no porvir...
Não percas, não, a esperança;
Pois talvez breve a bonança
Vejamos a nos sorrir.

Que te não deixe, tu pédes;
Ai, o que exiges de mim!
Nem bem o alcanse tu medes
Do que me pédes emfim!
Deixa qu'eu vá separado
De ti, em Deus confiado,
Ver se destru-o a barreira
Que entre nós ambos existe,
E em separar-nos presiste
Toda a nossa vida inteira.

Vou, porem serei comtigo
Nas azas do pensamento.....
Em sonhos ver-te-hei comigo
Sempre no meu seguimento.
Serás tu, Julia querida,

Da senda de minha vida
Meigo archanjo tutelar.
Será de ti a lembrança
Que a luz da viva esperança
Hade em meu peito animar.

Porém se impropicio fado
Fôr sempre com nosso amor,
Se meu esforço baldado
P'ra te alcansar sempre fôr :—
Não me risques da memoria ;
Mer'cerás palma de gloria,
Fiel á tua paixão...
Pois d'esp'rança abandonado,
Ser-te-ha inda dedicado
O meu pobre coração.

Março de 1862.

XIII

A NOITE.

Bénis ce Dieu, qui place un crepuscule,
Entre les bruits du soir et la paix de la nuit !

LAMARTINE.

E' noite, a lua pallida
Lá surge no horisonte,
E com sua luz mystica
Doura os cimos do monte.
Uma após outra, dubias—
Qual cheias de pudôr,

Donzellas ainda tímidas—
As estrellas luzindo,
D'entre plumbeo sudario
Prasenteiras surgindo,
Eil-as o espaço ethereo
Cobrindo de esplendor.

Soltam aves nubivagas
O seu grito agoureiro,
E geme o sapo timido
Lá na encosta do outeiro.
A rãa no charco límpido
Cessa emfim de grasnar;
Os grillos piam trémulos
Como que em desafio;
A lympha, espreguiçando-se,
Encaminha-se ao rio,
Que sorvendo-lhe as agoas
Lá se dirige ao mar.

Entre as hastes d'um alamo,
Saudosa tristemente,
Começa a solitaria
Meiga rola innocente,
De carpir toda a angustia
De sua viuvez...

E além mais a distancia,
No laranjal florido,
Lá rompe de continuo
O rouxinol sentido
Com seu trinar melifluo
Da noute a placidez.

Magestosa imponencia
Circumda a natureza!
Na etherea abob'da espelha-se
De Deus toda a grandeza.
Por entre a selva o zephiro
Ciciando veloz
Passa; e não longe vitrea
A fontinha sussurra;
A cascata monotona
Além triste murmura
Um som que n'alma acorda-nos
Das saudades a voz.

Da noite no mysterio
P'ra mim que de emoções!
Toda a minh'alma eleva-se
A eternas regiões...
Salve horas melancolicas
De crença, paz e amor...

Instantes doces, magicos,
D'inspiração e goso ;
Em que a natura pródiga
Do infeliz ou ditoso
Faz elevar o espirito
Aos pés do Creador !

Maio de 1864.

XIV

POBRE ELISA!

Pobre Elisa!—ha pouco ainda,
Toda enlevos de creança,
Tanta luz, tanta esperança,
Tanto prazer, tanto amor!
Hoje... ai! hoje,—como é triste—
Meiga rola em soledade,—
Tanto mal, tanta saudade,
Tanto fel e tanta dôr!

Não t'o disse?—Um após outro
Foram passando-se os annos;
E tu escrava de enganos,
E tu sempre na illusão...
Mas agora, ai, pobresinha,
Rasgado o véo da innocencia,
Triste de tua existencia,
Triste de teu coração!

O que foi que te disse eu?
Por que não me acreditaste?
Em troca d'amor achaste
A traição—engano só!
Quiz evitar-te a voragem
Que de perto te attrahia:
Louco amor era o teu guia,—
Coitada, mereces dó.

Não t'o disse?—Eu já previa
O que a succeder-te veio:
Mas... sorrias ao receio
Qu'eu sentia por teu mal...
Descrias das feias côres
Com que o mundo eu te pintava;
Porque emfim eras escrava
De tua paixão fatal.

Tarde, oh! sim, bem tarde agora
Em vão conheces teu erro.
O mundo vai ser desterro
Ao teu penoso existir...
Em vez da flôr de esperança
Que tu no seio acolheste,
Vicejará um cipreste
De dôres no teu porvir.

Nunca te amei,—bem o sabes—
Mas dediquei-te amisade.
Conheces tarde a verdade
Do que buscavas descrer.
Quiz suspender-te na quéda;
Tu ao soccorro fugiste.
Hoje—coitada!—hoje és triste;
Mas... quem te póde valer?

Dezembro de 1860.

XV

EU FUI FELIZ?

Eu fui feliz?—é mentira!
Não, não o fui nem o sou...
De carinho recusaste
Uma prova ao que te amou.

Eu fui feliz?—é mentira!
Não digas, ninguem que o saiba...
Lembrando que fui mendigo
Choro de dôr e de raiva!

De dôr, de raiva,—e sómente
Por saber quanto te amei,
E lembrar a humilde esmola
De ti que em paga alcancei.

Pois dois abraços apenas...
Dois só!—que me lembro bem—
São recompensa que baste,
Pagam affectos de alguem?

Mentira! Dentro do peito
Não tens um bom coração,
Pois recusaste ao mendigo
Estender a tua mão.

Não sou feliz.—Ao desdito
Negaste uns pobre tropheos...
Fui exigente?—Desculpa.
Adeus... para sempre adeus.

Dezembro de 1861.

XVI

SOBRE O TUMULO

DE

DIOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

Leste-lhe a poesia? Eram arquejos
D'um coração afflicto!
De uma alma que ensaiava na materia
Os vôos do infinito!

S. REBELLO.

Sob a lage cruel de um negro tumulo
Eil-o que fica ahi!...
Oremos um momento!—e algumas lagrimas
Oh! deixemos-lhe aqui!

Embalou-o no berço o genethliaco
De desgraça fatal!
Fôram-lhe os curtos dias de existencia
Pesadelo mortal!

Cedo, ai, cedo entre as garras do infortunio
Pagou tributo á dôr...
Cerrou-lhe a mão da morte os olhos languidos
Da existencia na flôr...

Choremos o infeliz!—Vimos-lhe os labios
Na amargura a sorrir...
E abraçado na cruz de seu martyrio
Afinal succumbir!

Qual luz fugaz de um meteóro fulgido
A vida lhe fugiu.
Nem uma aurora só de brilho magico
Momentos lhe surriu.

Essa que amava tanto—a doce patria
Seus pés não mais pisaram...
Oh! e de um genio ardente que reverberos
Co' essa vida findaram!

Sob a lage cruel de um negro tumulo
Eil-o que fica ahi!...
Co' o derradeiro adeus algumas lagrimas
Oh! deixemos-lhe aqui!...

XVII

SE EU PODESSE!

Se eu pode-se! ai, se eu podesse
N'um instante de ventura
Resgatar-me d'amargura,
Expulsar de mim a dôr!
Se eu podesse aos seus ouvidos
Mesmo baixinho e a medo
Ir murmurar-lhe em segredo
Este meu ardente amor!

Se eu podesse nos seus labios,
N'esses seus labios trementes
Ir collar os meus ferventes,
Aspirando o álito seu!
Se eu podesse entre seus braços,
Entre seus braços ditosos
Fallar-lhe do amor nos gosos
Que só rivaes tem o céo!

Se eu podesse ir arrancal-a
Ao cativeiro em que vive...
Dizer-lhe um sonho que tive,
Que a sonhei junto de mi'!...
Se eu podesse entre carinhos,
Entre carinhos e enleios
Dizer-lhe quantos receios
Ja de perdel-a senti!

Ai, se, meu Deus, eu podesse
Junto d'ella, ainda que mudo,
Dar-lhe a entender tudo, tudo
O que o coração me diz,
Sugeitára a horriveis tratos
Ametade d'esta vida;—
Mas gosára a luz perdida;
E tornára a ser feliz...

Mas não posso!—E heide, Tantalo,
N'esta febre de desejos,
Nunca em seus labios com bejos
Os meus labios saciar!
Mas não posso!—E heide exhausto
De cançasso e de seccura,
Vendo a fonte da ventura
Triste á sede definhar!...

Maio de 1866.

XVIII

EXEMPLO

Em fragrante,
Melindrosa,
Linda rosa
Lá poisou,
Borboleta
Que os olôres
D'outras flôres
Prelibou.

Mal a tenra
Da florinha
Toda azínha
Lhe sorriu,
Abrindo azas,
Louca, errante,
A inconstante
Lá fugiu.

E a bonina
Que singela
Era bella
Sem senão,
Eil-a em breve
Desbotada,
Desfolhada
Ao tufão!

Virgem linda,
Vê o exemplo
Que contemplo
N'essa flôr...
A' innocencia
Muitas vezes
Taes revezes
Guarda amôr.

Aos enleios
Vãos guarida
Tu na vida
Não... não dês
Paixão louca,
Cega, illude
A virtude
Muita vez.

Grato enlevo,
Firme encanto,
Goso santo,
Luz dos céos
Achar pódes,—
Mas nos braços
Nunca escaços
Do bom Deus.

Julho de 1869.

XIX

UMA NOITE NO BRASIL.

Da diuturna carreira já cansado
O sol no dorso alpestre da montanha
Enfermo se reclina
Com regia magestade; e o céo doirado
Fugitivo clarão tepido banha
O valle e a collina.

GOMES DE SOUSA.

I

Já por meio das cuspides gigantes
De alcantilados serros que se alteiam
No horisonte afastado, o sol tremente,
Como que exhausto do viajar diuturno,
Eil-o escondido com seus raios tepidos

De luz menos brilhante. O firmamento,
Porém, limpido sempre a pouco e pouco
Revestindo-se foi de plumbeas côres.
Já do bosque as plumosas avesinhas
Da ramagem buscando o mais escuso
Fizeram succeder á mui festiva
E risonha harmonia de gorgeios
Debeis chilros de magoa e de saudade...

E' noite!—noite rica em magestade...
Noite sublime, toda em maravilha
E encanto merencorio exhuberando;—
Como só raramente de ser deixam
As d'esta assás ditosa e bem fadada
Parte do novo mundo,—sem ainda
De estação ou de quadra excepção unica!
E' tudo enleio, inspiração, magía
Para aquelle que oppresso de saudades
No intimo d'alma sente a referver-lhe
Da poesia a chamma assás sublíme!...
Aqui, a debruçar-se meigamente
Sobre sua arte fragil uma rosa
A pouco e pouco as nacaradas petalas
Vae descerrando á brisa que do seio
Palpitante lhe rouba os sans perfumes.
Ali, a mariposa irrequieta
De seu lidar diuturno fatigada
Aspira entre o rosal todo repouso

Das florinhas mimosas a fragrancia...
Além mais, lindo cravo purpurino,
Por brando rócio apenas orvalhado,
De novo recupera a sã frescura
Que lhe hão roubado os raios coroscantes
De um sol abrasador. Não longe ainda,
De uma cascata as agoas despenhando-se
Por meio de rochedos cavernosos
Uma harmonia mystica produzem;
E tornadas, além, ribeiro manso
Vão refrescar as plantas das violetas
Que modestas vicejam em sua margem
Sem os cuidados do hortelão solicito.

Ao longe sobre os plainos matizados
De constante verdura se desenham
De explendido luar ao clarão pallido
Negras sombras de arbustos gigantescos;
Cuja ramagem balouçada a esforços
Das brisas leves que do mar se escapam,
Doendes fazem simelhar com crepes
Movendo apenas vagarosos braços!

Oh! eu amo esta noite que com todos

Os misticos encantos da poesia
O peito faz abrir aos sans affectos!
Oh! eu amo esta noite que me leva,
Que me arrasta atravez d'esse passado
Ai, todo flôres de illusões fragrantes!
Oh! eu amo estas horas, pois só n'elles
Descerrar posso bem minh'alma triste
Aos segredos ainda mais reconditos;
E deixar se deslise por meu rosto
Em liberdade o pranto sem que tente
Escarnecer alguem de minhas dôres!

II

E' noite, todo em mysterio
Do orbe o imperio,
Do orbe o imperio envolto jaz...
N'um sudario de tristura
A natura,
A natura dorme em paz.

No firmamento as estrellas
Fulgem bellas,
Fulgem bellas mil a mil;
E por entre ellas a lua
Mostra nua,
Mostra nua o seu perfil.

Lá nas orlas do horisonte
Sobre o monte,
Sobre o monte em alcantis,
Desce a lympha côr de prata,
Que retrata,
Que se retrata em rubis.

Do mar, galerna, indecisa,
Voa a brisa,
Voa a brisa sem cessar,
E vae por entre a folhagem
Da boscagem,
Da boscagem ciciar.

Em catadupas, sombrio,
Foge o rio,
Foge o rio com 'stridor;
E na margem entre rochedos
Diz segredos,
Diz segredos mil á flôr.

Do vergel quasi no meio
Abre o seio,
Abre o seio a linda rosa.
Dorme embalada entre flôres,
Dos amores,
Dos amores mariposa.

Da praia, além sobre a areia
Geme e anceia,
Geme e anceia o mar fremente;
E a espuma que a vaga solta
Vae e volta,
Vae e volta de repente.

Salve ó noite magestosa,
Mysteriosa,
Mysteriosa ao trovador...
Salve ó noite, puro e santo,
Toda encanto,
Toda encanto, e paz e amor.

Fevereiro de 1861.

XX

EU ERA TRISTE!...

Foi no crepusc'lo de uma tarde linda,
Lembro-me ainda com prazer de então!
Sentado estava de um olmeiro á sombra,
Na verde alfombra que cobria o chão.

Cantava ao longe o rouxinol contente,
Favonio olente me osculava a tez,
Bem perto a lympha a espadanar de manso
Vinha em remanso susurrar-me aos pés.

A brisa morna ciciava a medo
Entre o segredo dos rosaes em flôr;
Lá entre a balsa meiga rola entanto
Gemia um canto de saudoso amor.

E eu era triste!... Já cançado e ermo
Meu peito enfermo mal pulsava até...
Fatal sudario circumdava est'alma
Sem luz, sem calma, sem amor, sem fé!

N'essa hora um anjo prazenteiro e bello
A mim, singelo, se chegou então,
E no meu hombro, carinhoso, breve
Pousou de leve sua nivea mão.

Ergui a fronte dominando o espanto,
Mulher encanto, divisei-te a ti!
E, triste, ao ver-te de meu mal pungida
No peito a vida repulsar senti...

D'esses teus olhos ao langor celeste
Senti bem preste renascer-me a fé,
E esses enlêvos da passada infancia
Entre fragrancia resurgir de pé!

Vieste a ponto, donairosa e bella,
Propicia estrella de meu céo de abril...
Bem vinda foste para mim, p'regrina
Nuncia divina de esperanças mil.

Devo-te muito! minhas crenças d'alma,
Toda esta calma de um viver melhor.
Oh! vem, meu anjo, da ventura os laços
Firmar nos braços que nos abre amor.

Setembro de 1861.

XXI

A

F. XAVIER NOVAES.

Bem vindo sejas, ó novo
Tolentino portuguez!
Bem vindo!—vae este povo
Ouvir-te por sua vez...
Vae apreciar teus cantos
Cheios de sal e de encantos
E em que não sabes mentir;
Como tanges essa lyra
Que em tuas mãos não suspira
Vae elle ver p'ra se rir.

Oh que sim!—pois n'esta terra
Sobrarão occasiões
Em que tua musa severa
Possa achar inspirações.
Não haverá praça ou rua
Em que a alegre veia tua
Não ache em que se entreter.
Da lyra as cordas ferindo,
Cantando sempre e sorrindo
Terás muito a que attender.

Has de ver muito palhaço,
—Entre boa gente tambem—
E d'asno muito pedaço
Fingindo-se homem de bem;
Muito janota na rua
Só sabendo a gente sua
O que por casa lá vae;
Muita formosa donzella
Que foge só da janella
Quando está perto seu pae.

Has de ver muito pateta
Que com cynico impudor
Tenta inpingir muita peta
De seus *mil casos de amor*;
Dizendo que uma menina

Já namorou de uma esquina
E que... e que—não se diz...
E que uma ali do outro lado
Se não teve o mesmo fado
Foi só por que elle não quiz.

Has de ver muito sugeito
Que sem possuir real
Vive alegre e satisfeito
Como o mais feliz mortal!
De calcinha afiambrada,
Botinha muito lustrada,
Casaca de panno bom,
Chapéo fino, bengalinha,
Luva á mão assás justinha,
Sempre emfim no grande tom...

Has de ver a qualquer canto
Muito empinado senhor,
Que nem eu sei porque encanto
Sahiu já commendador!
Muito velho enfatuado,
—Mumia do tempo passado—
Ensaiar-se ao toucadôr,
Para ir depois á donzella
Que o desfructa da janella
Dizer fallinhas de amôr.

Has de ver muito poeta
Por dentro d'esses balcões,
Vestidinhos de jaqueta,
A fazer aos trambolhões
Um versinho curto agora,
Outro mais passado uma hora,
Porém comprido de mais;
E depois saindo á rua
Ir julgar por conta sua
Os seus versos sem rivaes.

Has de ver muito empregado
De qualquer repartição
De collarinho entesado,
Bengala sempre na mão,
Divagar em liberdade
Pelas ruas da cidade
Semanas, mezes emfim;
E depois ir descarado
Apresentar attestado
De uma molestia ruim.

Verás padres—Sancho panças,
Com quem muito na verdade
Se assimelham as creanças
Com quem usa a caridade:
Muito frade em noite escura

Espreitando á fechadura
Da porta de certa grei;
E ainda além de tudo isto,
D'esses filhinhos de Christo
Bem boas coisas que eu sei.

Verás muita *donzellinha*
Já dos sessenta a fugir,
Mas que *sempre innocentinha*
Pretende ainda reagir
Contra a rispida natura,
Usando de dentadura
Postiça de bom marfim,
Raro o cabello pintando,
E sempre á face emprestando
O mimo e côr do carmim.

Verás muito miserando
Que beira nem eira tem
De polita ralhando,
Querendo fingir-se alguem:
Muito pobre fedelhinho
A quem da barba o bucinho
Desponta ainda e não mais,
Do bom havano a fumaça
Botar no rosto a quem passa
Mesmo na frente dos paes!

No botequim á vontade
Muito sugeito has de ver
Que deixa a *cara metade*
Em casa o primo a entreter,
O—Jòrnal—despreoccupado
Lendo, sem lhe dar cuidado
O que vae nem o que vem;
Na testa chapéo erguido,
Mostrando ser o marido
Mais feliz que o mundo tem.

Por meio d'essa cidade
Has de encontrar finalmente
Com que rir muito á vontade
E faças rir muita gente:
Sobram n'ella os meliantes,
Abundam negociantes
Que põe a honra em leilões;
E andam por meio da gente
Com um desplante *innocente*
Os viscondes e os barões!

Bem vindo, pois, sejas novo
Tolentino portuguez!
Bem vindo!—vae este povo
Ouvir-te por sua vez.
No meio da gargalhada

A tua lyra afinada
Inspirações hade achar:
Não faltam calvas e ruças
Onde as tuas carapuças
Poderão bem assentar.

Setembro de 1858.

XXII

PAIXÃO.

Não posso dar-te a ventura
Que tu me pédes, ó flôr;
P'ra compensar-te a ternura
E' bem pouco o meu amor...
Mereces mais!—innocente,
Tens um futuro a sorrir:
Não te illudas com o presente;
Confia e crê no porvir.

Não devo fazer-te minha,
Pois a consciencia me diz
Que fôra, pobre louquinha,
Assim tornar-te infeliz.
E' cedo para fanar-te
Das illusões a estação:
Fôra loucura immolar-te
Ás cegueiras da paixão.

Janeiro de 1863.

XXIII

EM VÃO!

Em vão! em vão pretendo aqui do peito
Expulsar esta chamma abrasadora
Que me vae consumindo lentamente
Um após outro da existencia os dias!

Em vão, em vão é sempre que procuro
Apagar n'esta mente para sempre,
Ou ao menos que seja por instantes,
Essas memorias para mim queridas
De tudo quanto ao lado teu, meu anjo,
Eu fruir pude outr'ora.—E' louca ideia
O pretender o olvidio a amar-te sempre!
A épocha, o só dia, ainda o momento
Da mais leve ventura; as esperanças,
Os sonhos, os enlevos fugitivos,
As ternuras de sempre, os devaneios,
Esses proprios arrufos momentaneos
Com que nos castigavamos por vezes,
As scenas tanto nossas,—mesmo ainda
Essas mais simples; do rosal ameno
Por onde passeavamos da lua
Ao pallido fulgor toda a fragrancia;
O mesmo dubio sussurrar gemente
D'aquella agua elevando-se em repuxo
Que das brisas furtivas a passagem
Sobre o tanque caír fazia incerta;
Aquelles mil gorgeios tam sentidos,
Após ensaios mil variados muito,
Da pobre philomela occulta sempre
Na ramagem dos buxos;—tudo, oh! tudo
O quanto finalmente se ha passado
Por nós, e mesmo ainda testemunho
Por um simples instante acaso ha sido
De nosso amor d'infancia jaz gravado
Em minha idêa em caracteres fundos
Que não consente o coração extinctos.

Um após outro hão seguido
Annos, e mezes, e dias,
E sempre, sempre agonias,
Sempre a saudade e o pesar...
Em balde busco motivos
Com que inebrie a amargura;
Succede á dôr a tortura
Sem lenitivo encontrar.

As estações desabridas
Succedem estações novas;
De duros transes a provas
Sempre o alivio succedeu:
Só eu sempre n'um continuo
Supliciar de lembranças,
Sem um conforto d'esperanças,
Sem lenitivos do céo!

Dia e noite, hora por hora,
Sempre instante por instante,
Vejo ante mim o semblante
Que me sorriu tanto amor:
E sempre, sempre as entranhas,
De tanto amor na orphandade,
Da mais activa saudade
Excruciando na dôr.

Vejo a luz d'aquelles olhos,
Que era a luz de minha vida,
Para mim sempre volvida,
E essa luz... já se apagou!
Illusões que me encadeiam
A um passado de amores,
Centuplicando os rigores
Do pesar que me ficou!

Realidade cruel! Hade a saudade,
Essa grata amargura ao desditoso,
Companheira fiel ser-me na terra
Em que feliz fui tanto! Hão de as memorias
De meus dias de outr'ora ser-me as unicas
Companheiras fieis ao pé da campa...
Possa ao menos a peregrina imagem
D'essa que tanto amei e que na vida
Amar-me soube tanto, ser na etherea
Mansão dos anjos protectora minha.
Feliz ser posso ainda!—Além do tumulo
Prasa a Deus que propicia ser-me possa
A que da terra as ditas me ha levado.

Julho de 1861.

XXIV

FLORES MURCHAS.

Olha, linda, aquellas flôres
Que me mandaste o outro dia,
Não tem mais as lindas côres,
Nem o viço e primasia.

De tam efem'ra existencia
Não sei, não sei a rasão;
Quem sabe se ellas o symbolo
De teu amor bem serão!

Pois olha, não tenho eu culpa
De tam cedo ellas murcharem,
De tam depressa sem viço
E sem o encanto ficarem.

Logo que tu m'as mandaste
Eu n'um vaso as colloquei,
E com agua cristalina
Levemente as borrifei.

Mas nem um dia as coitadas
D'essas florinhas tam lindas
Conservaram a frescura
Com que me foram bem vindas!

Se em teu jardim tens perpetuas
Para outra vez manda-me uma;
Pois no ramo que me enviaste
Não pude encontrar alguma...

Porém não me mandes flôres
Que murchem tam cedo assim...
Deixa-as viver, que mais duram,
Deixa-as viver no jardim.

Março de 1860.

XXV

O DIA DE FINADOS.

Silence, ô lyre ! et vous, silence,
Profetes, voix de l'avenir !

LAMARTINE.

O crebro som do campanario em dobre
Resoa na amplidão
Monotono e sombrio, despertando
Os echos na soidão...
D'além mais a distancia ainda funebres
Vem ferir meus ouvidos
Novos sons discordantes, semelhando-se
A echos repetidos.

Acesos cirios, revestido em crepe
Jaz do Senhor o templo:
A elle o povo em grupos caminhando
Vagaroso contemplo...
Em silencio suffocam uns a magoa
De sua soledade;
Expandem outros com a face em lagrimas
Dolorida saudade.

De rugas mil sulcada a fronte adusta,
Encostado ao bastão,
Cans alvejantes, cabisbaixo e trémulo
Lá chega um triste ancião;
Busca o sitio sabido onde ajuelhado
Talvez a derradeira
Lagrima verte sobre a campa fria
De sua companheira.

Vestindo luto, viuva inconsolavel,
N'uma angustia sublime,
Co' os filhinhos ao pé debulha em pranto
Acerba dôr que a opprime:
Sem amparo, na terra desolada,
Ergue os olhos aos céos;
E para si já protecção não péde;
Mas para os filhos seus.

Mais além orphã pobre e abandonada
Do mundo entre os espinhos,
Roga a Deus pelos entes que da infancia
Prestaram-lhe os carinhos;
Para—talvez—d'ahi sem mão amiga,
Sem abrigo e sem pão,
Ir na vereda, triste inexp'riente,
Caír da perdição.

Não longe ainda o amigo chora o amigo
Que por mais de uma vez
Depositario fora a suas intimas
Confidencias talvez;
E bem perto um irmão saudades chora
De um irmão desditoso,
Com quem os dias da ligeira infancia
Passára descuidoso.

Ao centro d'este quadro assás já triste
Pobre velhinha em pranto
Recorda o filho que tivera e fôra
A sua luz de encanto;
E junto uma creança innocentinha
Que inda mal balbucía
Tenta ao lado da irmã que resa em côro
Dizer a—Ave Maria.

Que scena pungitiva!—quantas lagrimas
N'um silencio eloquente!
E o campanario sempre repetindo
A sua voz plangente!
Tudo nos chama a dura realidade
Na boa e na má sorte:
Tudo nos lembra o nada da existencia!
Ante os ombraes da morte!...

Da morte!—ideia negra a que succumbe
O genio mais audaz!
Da morte!—que nivela a humanidade
No tumulo voraz!
Da morte!—gladio sobre nós pendente
Em ameaças fataes...
Herança universal que nos legaram
Nossos primeiros paes....

E' dia de finados!—Reunamo-nos,
Que não ha aqui alguem
Sem um irmão, um pae ou um amigo
Do tumulo p'ra além...
De nós precítos inda, ao menos seja
Hoje a consolação
Por quem já foi da terra aos pés do Eterno
Enviar uma oração.

XXVI

ROSA D'ALDEIA.

Não vás ao monte do Outeiro
Tam só, Rosinha, não vás;
A tarde está de neblina,
Bem vez o tempo que faz.

Olha que o lobo anda solto
Por esses montes além...
Não vás ao monte do Outeiro
Que te não succede bem.

Ao bom padre Santo Antonio
Entrega o gado, Rosinha....
Não vás ao monte do Outeiro,
Bem vez que é quasi noitinha.

Vae para casa e responsa
Ao bom Santinho o teu gado;
E promette-lhe uma quarta
De vosso linho assedado;

Ou de levar-lhe do leite
Que dá vossa cabreirinha
Para domingo que vem
Ao menos uma enfusinha.

Porém não vás só ao monte
Que a hora já não é tal;
O trovão já rola perto,
Póde acontecer-te mal.

Foge depressa, Rosinha,
Vae para o lume fiar:
A chuva que vem é neve;
Olha que te vaes molhar.

Se teu pae o não soubesse,
Eu que sou tam teu amigo,
O medo fôra tornar-te,
Ao monte fôra comtigo;

Mas por meu respeito um dia
Elle um sermão já te fez;
Não quero dar-lhe motivo
A que te ralhe outra vez.

Não vás, porém, tam sósinha
Por esses montes além...
Rosinha, o lobo anda solto;
Não te vae succeder bem.

Novembro de 1862.

XXVII

NO ALBUM

DA EX.ma SNR.a D. M. N. R. TEIXEIRA.

Senhora, as flôres da vida
São dos jardins como as flôres,
Murcham e perdem as côres
Mal desabrochadas são:
Ha, todavia, entre aquellas
Algumas rosas fragrantes
Que vivem mais do que instantes,
Que têm mais d'uma estação.

D'essas acredito sejam
De vossa vida, singelas
As flôres; porém d'aquellas
As minhas foram tam só:
Bastou sómente a crestal-as
Do sol a ardencia n'uma hora;
Hoje nem mesmo, Senhora,
Me resta d'ellas o pó.

Cerrai as folhas douradas
D'este album mimoso e lindo
Onde de crenças sorrindo
Ha muita luz a erradiar...
Cerrai-as!—toda a pureza
Das que estão ainda em branco,
Concedei que eu seja franco,
Não, não devo macular.

Janeiro de 1861.

XXVIII

FOI TEMPO!

Nel visco in cui s'avenne
Quell'angellin talora,
Lascia le penne ancora,
Ma torna in libertá:
Poi le perdute penne
In pochi dì rinnova,
Canto divién per prova
Ne più tradir si fa.

METASTASIO.

Foi tempo!—quizeste
Com falsas caricias,
Ternuras ficticias,
A ti me prender:

Foi tempo!—mas pude,
Demais conhecida
Tua alma fingida
Lutar e vencer.

Lutei! lutei muito,
Que eu muito te amava;
Que esta alma era escrava
De ardente paixão...
Lutei por que eu tinha
No peito arquejante
Ardendo incessante,
Voraz um vulcão!

Foi luta de um anno,
Foi luta terrivel,
Em que a alma sensivel
Não qu'ria ceder!
Mas hoje estou salvo...
Da luta cansado,
Ver-te hoje a meu lado
Não posso querer.

Não posso!—que ainda
Conservo na mente
A ideia inclemente
De quanto soffri...

Não posso!—que eu hoje
No peito indif'rente,
Despreso sómente
Conservo por ti.

Não venhas agora,
Fingindo contricta,
Lembrar a infinita
Paixão que te dei...
—Demais a recordo!
Que eu soffro e maldigo,
Fatal, o castigo
Do muito que amei.

És louca se julgas
Que a chamma apagada
N'esta alma, avivada
De novo hade ser.
És louca!—os enganos
Com que me illudias
De amor n'esses dias
Foi máo conhecer.

E' tarde!—não venhas,
Pois, hoje com prantos
Promessas de encantos
Trazer-me por fim:

Bem louco que eu fôra,
Se ainda sinsera
Julgar-te podéra
Um dia p'ra mim.

Que as crenças fagueiras
Que esta alma envolvia
Tu mesmo n'um dia
Calcaste no pó...
Adeus... para sempre.
Não tentes ao morto
Dar ainda conforto...
Vae,—deixa-me só!

Abril de 1860.

XXIX

A FRUCTEIRA.

Eu sou vendedeira de doces fructinhas,
Eu trago perinhas, eu trago maçães:
Ai, comprem,... ai, comprem, que são madurinhas;
Não volto ao mercado; não contem com mais.
Que grandes são ellas!
Que côr de carmim!
Oh, comprem freguezes
Oh, cheguem-se a mim...

Aqui, freguezinho, que venho inda agora;
Aquelles Senhores me viram chegar.
Não 'stão escolhidas ainda por ora,
Próve estás perinhas, pois hade gostar.
Estreie a fregueza
Que agora chegou:
Se quer a pataco
Quatorze lhe dou.

Quem compra! Quem compra!—Meu lindo menino,
Compre estas perinhas a sete ao vintem...
Maçães que são mesmo de um gosto divino...
Não hade encontral-as tam boas além.
Adiante bem menos
Do que eu lhe darão;
Ai, compre-m'as todas,
Que muitas não são.

Perinhas mimosas, que foram tiradas
Da p'reira ainda hoje,—quem compra, quem quer?
Sem bicho, fresquinhas, sem ser machucadas:
Oh! cheguem ao menos a vel-as sequer.
Não passe ligeiro,
Freguez, sem parar:
Com pouco contente
Me póde deixar.

Menina!—qué ingrata, não falla comigo!—
Dinheiro p'ra fructa não deu a patroa?
Pois diga-lhe em casa qu'eu 'stive comsigo;
E gabe-lhe a fructa que trago tam boa...
Tenho uma perinha
Guardada p'ra si:
Oh! vá depressinha
Que a espero eu aqui.

Ólá, patrãosinho, das peras que tenho
Não compra hoje algumas, que são de amorim?
Pois olhe que logo serão com empenho
Em vão procuradas como estas assim.
Servil-o não póde
Como eu mais alguem.
Feire hoje comigo;
Não vá mais além...

O nobre morgado da casa da Bica
Comprou-m'as já hontem e d'ellas gostou;
Se volto lá hoje com todas me fica...
Ai, comprem, ai, comprem, senão eu lá vou.
Oh! cheguem freguezes
Que estão a acabar
Tam cedo ao mercado
Não heide voltar.

De quantas acodem com fructa ao mercado
Co' o cesto aviado sou sempre a primeira;
Pois sempre quem compra quer mostras de agrado:
E todos procuram a Rosa—fructeira.
Mas nunca de amôres
Me busquem fallar,
Que a pobre fructeira
Não vive p'ra amar.

Eu vou pelas festas; eu sou cantadeira
Procuram-me todos,—não gasto vintem.
Bem antes da noite p'ra casa ligeira
Vou sempre sosinha, sem lérias de alguem.
Eu sou diligente:
Meu pae me bemdiz...
'Stou sempre contente:
Eu vivo feliz.

Junho de 1863.

XXX

UNS OLHOS.

Eu amo a luz de teus olhos,
Amo-lhe as côres que tem,
Até lhe adoro os segredos
Que louco preso me tem.

LOPES DE MENDONÇA.

Eu amo uns olhos
Negros que são,
Negros que fallam
Ao coração.

Eu amo uns olhos
Que têm a côr
De negra noite
Fallando amôr.

Ai, moreninha,
Os olhos teus
Infiltram n'alma
A luz dos céos.

Sempre travessos,
São feiticeiros,
São tentadores,
E são bregeiros.

E' de teus olhos
O brilho e luz
Que muito encanta,
Que mais seduz.

Mysterios d'alma,
Teus olhos têm
O condão magico
De expressar bem.

Teus olhos negros
São, moreninha,
A luz de encanto
Da vida minha.

Ai, de teus olhos
No só fulgôr
Reluz-me a crença
De eterno amor.

Agosto de 1869.

XXXI

IMPROVISO

ÁS DAMAS VALENCIANAS.

Onde estou?—Que terra é esta?
Que paraiso é que habito?
Acaso sonho?—Bemdito,
Bemdito sonho este meu!
P'ra quantos lados me volte,
Ai, que conjuncto de flôres,
Flôres fallando de amôres,
De amôres que abrem o céo!

Rodeado da poesia
Que inspira sempre a belleza,
Aqui é vida defeza
A que não seja de amor:
Cada labio n'um sorriso
Ao entreabrir-se bondoso,
Quantos momentos de goso
Propicía ao trovador!

Porém eu não sonho agora,
Vivo estou, estou desperto...
Real, positivo, certo
E' tudo o que vejo aqui.
Porém que terra propicia
Esta é a natureza
Onde de anjos a belleza
Nunca em tal conjuncto vi?!...

Salvé Valença vetusta,
Cofre de perolas finas,
Jardim de excelsas boninas,
Paraiso divinal!
Guardam as tuas muralhas
Qu'eu já cantei algum dia
Um thesouro de poesia...
Orgulha-te,—és sem rival!

Agosto de 1868.

XXXII

VEM.

Ai, querida, descerra esses braços,
Vem, recebe este abraço de amigo;
Eis-me agora de novo comtigo;
Eis-te minha p'ra sempre afinal...
Vem fallar-me das tuas saudades,
Vem dizer-me qual foi a existencia
Que tiveste nos dias de ausencia
Tam penosos de angustia fatal!

Vem... eu quero estreitar-te, querida,
N'estes braços já quasi exhauridos:
Ai, de amor nos meus sonhos queridos
A descrer quasi mesmo cheguei!...
Mas volver-se-me a crença de novo
Da ventura no goso já sinto:
Finalmente ser-me-ha todo extincto
O resaibo do fel que traguei.

Ai, ó vida, que lagrimas tristes
Derramei na cruel amargura
Pelo tempo feliz de ventura
Em que alegre comtigo vivi...
Que saudades!—Nem sei até mesmo
Como pude ter força bastante
Para ao goso chegar d'este instante,
Para vir abraçar-te hoje aqui.

Se soubesses, querida, que seculos
Longos foram p'ra mim esses dias
Em que longe de mim existias
E eu vivi n'um continuo pesar!
Se soubesses!—Mas tu o avalias;
Que estas faces de rugas sulcadas
Têm vestigios das noites veladas
De descrença no quasi lutar.

Que mudança, meu anjo!—na ausencia
Que mudança tambem no teu rosto
Eu encontro!—que amargo desgosto,
Que saudades, que travos de fel!
Ai, tambem como tu demudado
Me acharás!—dize oh! sim, que estou velho:
Nem sequer me hei olhado a um espelho,
Receioso á verdade cruel.

Mas não chores! P'ra sempre ao olvido
Nós lancemos os dias de agruras:
Bem feliz, de crueis desventuras
Quem após gosa as ditas dos céos...
Bem feliz!—Após tempos de angustias
Eis-nos grata sorrindo a bonança:
Todo fé, gratidão, todo esp'rança
Hoje um hymno elevemos a Deus.

Maio de 1862.

XXXIII

O INVERNO.

L'hiver ! A ce seul mot, combien d'image et de pensées s'éveellent dans l'esprit ! Voice les forêts noires et nues, les champs arides sous la neige, la surface des eaux immobile et glacée, toute la nature triste et sévère.

J. J. GRANDVILLE.

Eil-o que chega !—o inverno
Com seu cortejo sombrio,
Com seu sequito de frio,
Geadas, coriscos, trovões...
Quadra de horror á indigencia,
Por ninguem appetecida :
Quadra sem luz e sem vida,—
A peior das estações !

De verdor quasi despidos,
De neve cobrem-se os montes
Brotam a jorros as fontes
Os prados indo inundar.
Em catadupas o rio,
De branca espuma na esteira,
Leva ante si na carreira
Tudo o que o ousa estorvar.

A alfombra, além, das campinas
Crestada pelas geadas
De extensas noites passadas
Já não sorri de verdor;
Apenas lá no valado,
Pendendo sobre o ribeiro
Sorri ao bom pegureiro
Da roxa violeta a flôr.

Da colmeia no agasalho
A abelhinha industriosa
De toda a estação na rosa
Pousar alegre não vae;
Fruindo larga abundancia
De uma próvida colheita,
A geada á fenda espreita,
Volteia, zumbe e não sae.

Não doudeja a inconstante
Mariposa multicores
Por entre festões de flôres,
Que não as ha no jardim:
Ali apenas se aspira
O aroma nunca cessante
Da malvarosa fragrante
E do constante alecrim.

A rolinha d'entre as balsas
Onde carpira os amores
Sae e do frio aos rigores
Não sabe onde se occultar;
E do lago onde habitava
A pobre rãa indolente,
Arrastada é na corrente
A que em vão tenta escapar.

Os passarinhos nas selvas,
Dos mais annosos carvalhos
Repousando sobre os galhos,
Nem soltam pio ligeiro;
Só a deshoras na encosta
Lá da quebrada, sombrio,
Solta o mocho o triste pio
Entre os ramos do pinheiro.

Tomado todo de frio
Pela nevada que o açoita,
Sob uma rocha se acoita
O pastorinho a chorar;
E pouco após abrandando
A furia da tempestade,
Segue caminho da herdade
Seu rebanho a agasalhar.

No mais fechado e sombrio
Da cerração de alta noite,
Da tormenta ao rijo açoite,
O lobo sae do covil;
E n'um redobro de audacia,
Pela fóme castigado,
Desce ao proximo povoado
A por em susto o redil.

Da candeia á luz mortiça
Que pende sobre a lareira
O velho resa á fogueira
Co' os netos as devoções;
E conta depois historias,
Que nunca são acabadas,
De bruxas, almas penadas,
Doendes, feias visões.

Tudo é tristeza! Em silencio
A philomela sentida
Nem mostra signaes de vida
Nas larangeiras do val:
O echo só das tormentas
Das serras lá nas quebradas,
Fórma por entre as ramadas
Uma orchestra original!

Eil-o que chega—o inverno
Com seu cortejo sombrio,
Com seu sequito de frio,
Geadas, coriscos, trovões...
Quadra de horror á indigencia,
Por ninguem appetecida:
Quadra sem luz e sem vida,—
A peior das estações.

Novembro de 1870.

XXXIV

QUE MAL TE FIZ EU?

Que mal te fiz? Linda amada,
Que mal te fiz eu, que assim
Como que tam despeitada
Hoje te mostras p'ra mim?
Dize; que mal te fiz eu?...
Que queixa tens, minha linda,
De quem um momento ainda
Nem de leve te offendeu?

Esse despeito, querida,
Dizes ser eu que o causei!
Mas como?—Por minha vida
Posso jurar que não sei...
De mim zombando ou de ti
Alguem tentou enganar-te:
Ninguem poderá provar-te
Que alguma vez te offendi.

Não me perdoes, eu peço,
Uma falta... sequer uma;
Mas hoje não te mereço
Castigo de culpa alguma...
Culpa em verdade terei,
Talvez culpa em demasia,
Mas por te amar noite e dia
Como nunca a alguem amei.

Talvez de mulher apenas
Isso um capricho em ti seja,
Quando conhecer em penas
O pobre amante deseja:
Mas tem compaixão de mim...
Se em tanto amar-te mereço
Algum castigo, eu te peço,
Não me castigues assim!

Sorrindo alfim, carinhosa,
De mim te approximas, flôr!...
Ai, a mulher caprichosa
Não deve ter tanto amor!...
Como és fiel á paixão!
Oh! como estás commovida!
Venha um abraço, querida,
Que em paga eu dou-te o perdão.

Agosto de 1864.

XXXV

O VETERANO.

Sem ventura, sem bens, sem lar, sem 'sposa,
Sem ter sequer por socia
Alva filha gentil de olhos suaves,
Que as lagrimas te anime,
Tronco és sem flôr abandonado aos vermes!

PINTO RIBEIRO, JUNIOR.

Junto á ermida que c'roa a montanha
Lá descança pesado ancião,
N'uma pedra fronteira sentado,
Apoiado n'um grosso bastão.

Sobre o peito arquejando afflictivo
Contristada lhe pende a cerviz,
E na face de rugas sulcada
Se divisa cruel cicatriz.

Triste lagrima ainda das palpebras
Sobre os pés resvalando-lhe cae;
A cabeça sacóde com magoa;
Mas não rompe o silencio c'um ai.

Lá nas selvas descantam as aves,
Não distante murmura a corrente;
Mas o triste ancião meditando
Nada vê em redor, nada sente.

Sente só o rasgar-se-lhe o peito
Co' a saudade do tempo feliz
Em que a sua raiuna empunhava
Em defeza e amor do paiz...

Do paiz que elle fita anciado,
D'essa terra onde a vista lhe vae,
Onde viu a sorrir-se-lhe a gloria,
Onde vira enterrar-se seu pae...

E de novo sacóde a cabeça
Já pesada p'ro chão a pender.
Solta mais pela patria uma lagrima;
Que inda sonha por ella morrer.

Outubro de 1868.

XXXVI

DESCRENÇA.

Ai, como prestes fugiram
Esses tempos tam saudosos
Da infancia que me sorriram
Cheios de vida e de gosos!
D'aquellas noites de então
Como se foram os sonhos
Fagueiros, sempre risonhos,
E que não mais volverão...
Talvez que ainda um instante

Das alegrias fugidas
Cicatrisára as feridas
D'este peito agonisante.
Quem me déra affectos santos;
Quem n'um instante de dita
Viéra enxugar meus prantos
De dôr, de magoa infinita!
Da muita crença sinsera
Nutrida quando creança
Ao menos uma esperança
Quem me déra, ai, quem me déra!

Em vão, em vão eu procuro
Uma illusão peregrina
Que outr'ora no meu futuro
Via assenar-me divina...
Em vão procuro os encantos
De uma imagem feiticeira
Que me encantava, e fagueira,
Eu embocava em meus cantos.
Tudo se foi! nada resta
De quanto então me sorria...
Nem um clarão alumia
Esta negrura funesta
Que me circunda de horrores...
Não mais um echo de festa;
Não mais um sonho de amores!
Oh! se eu podesse n'esta hora

Por um momento sequer
D'aquelles dias de outr'ora
A vida inteira ceder!
Cedera-a eu de bom grado,
Ai, cedera-a com prazer;
Que antes na dita morrer
Do que viver desgraçado.

Eu quizera esses enganos
De meus tempos de menino,
Em que com fé no destino
Via passarem-se os annos
Mais prestes que hoje um momento
De cruel isolamento,
De terriveis desenganos...
Loucos desejos os meus!
Não podem ser desfructados
Na terra os gosos dos céos...
Ai, os meus sonhos dourados
Esvaíram-se n'um dia
De minha crença já fria
Ao esqueleto abraçados!

Novembro de 1860.

XXXVII

NÃO FUI EU.

Não fui eu, não,—que de amar-te
Bastantes provas te dei...
Não, não fui eu,—que olvidar-te
Tarde... bem tarde alcancei:
Tu foste que não soubeste
Avaliar-me a paixão:
Foste tu que te perdeste,—
Foi a tua ingratidão.

Tinhas tu bem pouca idade;
Eras formosa, e...emfim
Perdeu-te a muita vaidade;
P'ra que te queixas de mim?
E' por demais importuna
Essa exprobração aqui...
Tiveste pouca fortuna?
Queixa-te apenas de ti.

De mim não. Roua-te embóra
O peito angustia infinita,
Não queiras tornar-me agora
Culpado em tua desdita.
Olha atraz, tem paciencia;
Olha ao passado, que ahi
Acharás em consciencia
Que eu não fui que te perdi.

Fevereiro de 1861.

XXXVIII

A PORTUGAL.

Eu darei a minha vida
Por não ver mais abatida
A minha patria sem par:
Oh! deixa de ser espectro,
Toma de novo o teu sceptro
E tornarás a reinar!

F. PALHA.

Do universo diz a historia
Ter havido uma nação
Que soube encher-se de gloria
Tendo pequeno torrão...
Que com seu braço possante

Levou dos mares ovante
De nova luz um phanal...
Que soube erguer-se alterosa;—
E essa nação prodigiosa
Foste tu, meu Portugal!

Mas... Portugal, o que é feito
De teu sob'rano poder?
D'esse brilho e do respeito
Que ousaste no mundo ter?
O que é feito d'essas glorias
Alcançadas em victorias
Contra innumeros infieis?
D'esses teus feitos extensos
Aonde os marcos immensos?
Onde os virentes laureis?

Portugal, onde d'out'rora
Teus mais brilhantes tropheus?
Aonde os fructos, agora,
Do esforço dos filhos teus?
Onde o poder dominante
Com que dictavas, gigante,
As leis a outras nações?
Dos triumphos mais sellados
C'o sangue de teus soldados
Aonde estão os padrões?...

Pouco te resta, coitado!
Bem pouco... quasi acabou
Esse poder tam ousado
Em que ninguem te imitou!
Hoje semelhas, prostrado,
O guerreiro laureado
Que para o tum'lo a pender
Não falla de sua espada,—
Nem que lhe seja lembrada
Em taes momentos já quer...

Tenho dó de ver-te pobre,
Patria de meu coração!
Ou nunca fôras tu nobre
Como inda és hoje nação...
Ou tu não fôras outr'ora
Quasi rainha ou senhora
D'esta parte occidental...
Ou nunca houvéras tu sido
O torrão jámais vencido
Com nome de—Portugal!

Mas foste-o, e deves presar-te
De o ter sido,—se o não és...
Das quinas com o estandarte
Guanhaste Ormuz, Diu e Fez!
Pódes, ó patria, ante o mundo

Erguendo brado iracundo
Bradar ainda :—«Fui eu !
Fui eu que abri essa esteira
De um longo mar na carreira
Onde ella mais se estendeu.

Fui eu que ás margens do Ganges
Levei um povo christão ;
Eu que com minhas phalanges
Passei além do Indostão...
Fui eu que á terra indiana,
Fui eu que á plaga africana
Levei a voz de Jesus :
Fui eu, ainda, que, ufano,
Sob o polo americano
Cravei o pendão da Cruz.

Fui eu que á luz resplendente
Do Evangelho fui chamar
Islamitas do Oriente
E selvagens d'além mar !
Fui eu que venci por vezes
A robustez dos arnezes
De Castella e Aragão !
Eu !—que partí, finalmente,
N'um dia o jugo insolente
D'estranha dominação !»

Pódes bradar, patria minha,
Pódes bem alto bradar!
Não póde a inveja mesquinha
Iguaes tropheus te roubar
Não póde, não:—tens a historia
A fallar sempre á memoria
De todas as gerações...
Não póde, não,—que teus louros
Memorarão aos vindouros
As estancias de Camões!

Tambem soffreste, é verdade,
Que nem o tentas negar:
A dura fatalidade
Já sobre ti quiz pezar...
Porém Veneza,—a vaidosa,
E essa Roma poderosa,
O' patria, fita e sorri...
Foram soberbas outr'ora;
Mas olha,—vê-as agora...
Nem são senhoras de si!

Fita-as e vê abatida
Quasi de todo, a primeira;
Vê a segunda invadida
Por uma força estrangeira:
E de Homero a decantada

Grecia outro tempo julgada
De Roma quasi rival
Foi já d'infieis opprimida;
Mas tu, ó patria, tens vida—
És livre, meu Portugal.

Se te envolve hoje de pobre
Manto rasgado e senil,—
Vale mais pobreza nobre
Que da infamia a pompa vil!
Se pela astucia roubados
Te hão sido, com gloria herdados,
Padrões d'immenso valor,
Não succumbas!—mais sublime
E' ser victima no crime,
Do que n'elle ser auctor.

Portugal, ainda o nome
De teu povo é—portuguez;
Póde surgir um renome
D'essa tua pequenez...
Se o vomitar de metralhas,
Nem o escalar de muralhas
Glorias te podem haurir;
Pódes ser grande!—desperta
Do trabalho á voz de «álerta»
Nas conquistas do porvir!

Dezembro de 1870.

XXXIX

DESENLACE.

Io lascio un' incostante;
Tu perdi un cor sincero;
Non so di noi primiero
Chi s'abbia a consolár.

METASTASIO.

Para que negas?—eu proprio,
Não m'o disseram, eu vi:
E' certo como n'esta hora
Estamos juntos aqui.

Tu bem o sabes; e és louca
Em hoje negar-m'o vires;
E demais inda me offendes
Em assim me desmentires.

E emfim que perdes negando
Ou confessando a verdade?
De qualquer sorte bem pouco;
Perdes a minha amisade.

Não negues,—conserva ao menos
De nobreza um só bocado...
Não queiras qu'eu me arrependa
De ter um dia te amado.

Negas ainda? Pois olha,
Não m'o disseram, eu vi;
E queres d'isto ter provas?
Pois vou eu dar-t'as aqui.

Eu vi-o hontem do baile
No salão ir esperar-te...
Vi tu chegares, e elle
Sorrindo cumprimentar-te.

E depois vi-o contente
A' dansa te convidar;
E tu alegre e risonha
Ires com elle walsar.

E depois no borborinho
Abandonares-lhe a mão,
Que elle levou a seus labios,
E chegou ao coração.

E da valsa doudejante
No continuo voltejar
De vez em quando aos ouvidos
Palavras te segredar.

Tu córas!—Não é de pejo;
Mal posso crêr pejo em ti!
Não julgues que outros mais vissem:
Ninguem viu mais, só eu vi.

E se vi, é porque ahi fôra
Para vir n'este lugar
Que não me illudem amigos
Com certesa te provar.

Provar-te só; e não julgues
Outra coisa aqui me traz:
Jámais um dia exigencias
De mim tiveste ou terás.

És livre, tens o direito
De amar a quem te aprouver...
Houvera em mim necedade,
O contrario a pretender.

Pódes ter adoradores
De teus encantos sem fim;
Pódes lançar-me ao despreso,
Nem mais olhar para mim.

Nunca fui nem sou egoísta:
Contentar-me deverei
Lembrando ser o primeiro
Que teus affectos gosei.

Recorda, porém, que um dia
Não mendiguei teu amôr..
Recorda-te bem!—Que eu d'isto
Tenho provas de valôr.

O que foi que me negaste
Qu'eu exigisse de ti?
Nada;—no entanto confesso
Que nem tam pouco exigi.

Seja qual fôr teu destino
Tu não me culpes jámais:
Nunca intentaram perder-te
As minhas crenças leaes.

Com a minha despedida
Bem pouca perda has de ter;
Eu sou, porém, bem o sabes,
Quem menos tem a perder.

Com uzura, dizer posso,
Tu pagaste o affecto meu!
Se um de nós na despedida
Fica devendo,—sou eu.

Junho de 1859.

XL

NO ALBUM

DE F. J. R. A.

Tu queres n'este album
Qu'eu ponha contente,
Fragrante, ridente
Raminho de flôres,
De flôres mimosas
Que exprimam ternuras,
Encantos, venturas,
Delicias e amôres?

Quem foi que te disse
Que eu trovas fazia,
Que a lyra tangia,
Feliz, como d'antes?
Quem foi que te disse
Que a luz seductora
Das crenças d'outr'ora
Sorria-me a instantes?

Ninguem, oh! por certo
Dizer-t'o podia...
—Se o fui algum dia,—
Não sou trovador.
Não posso em teu album
Deixar, pois, agora
Productos de flora,
Nem trovas de amôr.

XLI

SAUDADES.

Quando em tardes do outono ao mais ermo
Do retiro me vou assentar,
Como o peito de magoas enfermo
Sinto, Julia, na dôr estalar!

Ai, na dôr da saudade, querida,
Pelos dias de amôr que lá vão,
Pelos tempos de encanto e de vida
Que não mais para nós volverão.

Oh! não mais, oh! não mais, como é dura
Esta ideia terrivel sem fim!
Nunca mais! nunca mais da ventura
Um sorriso sequer para mim...

Triste enlevo lá no ermo sómente
Eu encontro na rola que além
Orphansinha de amôr meigamente,
Como eu geme saudades tambem.

Que saudades!—escuto-a, e, sosinho,
Que de prantos vertidos ahi...
Quantos ais suffocados baixinho
Dentro d'alma saudosa sem ti.

Ai, sem ti!—que fatal agonia!—
Triste sempre, sem ti, sem amôr...
Sem a esp'rança que ao cego alumia;
Sempre e só abraçado na dôr!

Novembro de 1866.

XLII

NA PRIMEIRA PAGINA

DO ALBUM DE F. D. V.

Um album todo em branco !—Amigo, foge,
Retira de ante mim este teu livro
Primoroso e gentil...
Não tenho que offertar-te: a lyra é pobre,
E é gasta a minha voz qual a de um peito
Já cansado e senil.

Para um terreno tam propicio e aonde
E' de esperar que em breve se contemple
Florescente jardim,
E' pena, é pena, amigo, a flôr primeira
Que tens desejo n'elle ver plantada
Tu m'a peças a mim!

E' pena sim, repito, pois não tenho
Uma bonina de mimoso encanto
Para n'elle depôr;
E é bem desagradavel tosca planta
Ver occupando o sitio em que devera
Vicejar linda flôr.

Vêr, amigo, plantado um cardo agreste
De nascente vergel logo na entrada
Em vaso original;
Fôra vêr junto ao berço da innocencia
Cheia de vida lugubre epitaphio
Em lousa sepulcral!

Fôra na fronte da ditosa virgem
Em o dia feliz do seu noivado
Uma saudade vêr;
Ou escuro cypreste erguendo a coma
Altiva, negrejando ante a morada
Da vida e do prazer.

Fôra vêr rude myrto em mão da joven
Que tentasse com elle dar começo
A um ramalhete lindo;
Ou de goivos singelos uma c'rôa
Engrinaldando a fronte graciosa
Da donzella sorrindo.

Fôra vêr, finalmente, envolta em crepe
A mesa aonde em breve se esperasse
Um festim deslumbrante;
Ou lampadario velador de tumulos
De luz mortiça ao portico soberbo
De um palacio brilhante...

Não deves, pois, amigo, de teu album
Ainda em branco, na primeira folha
Meu nome desejar;
Um outro facilmente achar bem pódes
Que de per si bastante ao menos seja
Para podel-a ornar.

Porém se póde mesmo obscuro e pobre,
Meu simples nome ainda grato ser-te
N'esta folha vasia,—
Ahi t'o deixarei... possas ao menos
N'elle tu encontrar uma divisa
De grata sympathia.

XLIII

QUANDO ÉRAS MENINA.

E (non t'offenda il vero)
Nel tuo leggiadro aspetto
Or vedo alcùn difetto,
Che mi parca beltá.

METASTASIO.

Quando tu éras menina
E te cercava a existencia
Uma auréola divina
Da mais ingenua innocencia,
Tinhas o encanto da flôr
Ao entreabrir do botão,—
Eras mimoso embrião
De linda rosa de amôr.

Eu era de tua idade,
E tu folgavas comigo,
E com bem sinceridade
Me dizias teu amigo.
Ambos folgavamos ledos.
Eram tuas minhas dôres;
Meus eram teus disabores,
E de ambos nossos segredos.

Tu cresceste... ambos crescemos;
E de toda essa amisade
Nós um santo amôr fizemos
Que cresceu tambem co' a idade.
Já junto a mim se tingiam
De pudôr as tuas faces;
E nos teus olhos vivaces
Mysterios d'alma se liam.

Mas foram passando os dias,
E da bellesa os encantos
Te attrahira sympathias
De adoradores... e tantos!
Primeiro aos requestos não
Prestaste ensejo, é verdade...
Eras mulher,—a vaidade
Vei-o a ser-te a perdição.

Foste por muitos amada,
Que o teu orgulho o pedia;
Mas vieste a ser dominada
Por quem demais te entendia...
Eras Senhora... és escrava:
A ti propria te illudiste.
Nos mesmos laços caíste
Que teu amor proprio armava.

Hoje p'ra mim és mulher
Vulgar, despida de encanto.
Hoje ainda mesmo de ter
Por ti vertido meu pranto
Bem arrependido estou!
Tu foste na minha vida
Meteoro de luz fulgida
Que p'ra sempre se apagou.

Março de 1860.

XLIV

MEMORIAS.

.....

.....

E já lá vão seis annos!... Entretanto,
Dia a dia, hora a hora hão succedido,
E se vão succedendo lentamente
Com a saudade a excruciar minh'alma
Por ti, ó pobre Julia! Em vão perdida

Tendo emfim a esperança de mais ver-te
Hei tentado olvidar-te! É de contínuo
Perante minha ideia a tua imagem,
A tua imagem grata, mas tam triste
N'aquella scena assaz angustiosa
De nossa despedida. Sinto ainda
No peito meu poisada a tua fronte,
E em desolado pranto no futuro
A implorares-me esp'ranças. Vejo sempre
Com teu louro cabello em desalinho
Unires-me a teu seio nos transportes
De magoada ternura, e pelas cinzas
De meu pae exigires-me a promessa
De minha não partida. Oh! como eu sinto
Dilacerar-se-me a alma com o remorso
De com promessa tal te haver deixado!
Mas perdoa-me, ó anjo,—foi sómente
A poupar-me e poupar-te a transe ainda
Mais cruel e afflictivo. Nem tu mesmo,
Innocentinha, avaliar sabias
A barreira fatal que collocado
Entre nós ambos para sempre haviam
Os meus e os teus algozes. Sobre a terra
Poderiam jámais propicios fados
Em santos laços um ao outro unir-nos!...
.....
.....

Que saudade tam grande! Ai, pobre Julia,

Como eu recordo ainda o tempo ameno
Em que alegres e sempre descuidosos
Um p'ro outro vivemos! Tenho ainda
Bem presente na ideia aquella scena
Da vez primeira em que nos vimos ambos,
E em que bem mutuamente a nos querer-mos
Ambos nós começamos.
Era noite,
Eu entrava no baile onde o reflexo
De mil lumes a vista deslumbrava.
Convidavam á dansa os sons da orchestra
Pela segunda vez. Ao movimento
Que succedeu então e que eu seguia
Vi-te olhar-me. Córaste toda enleio;
E a luz 'splendente de teus olhos bellos
Voltaste para o chão. Jámais instantes
Perdi-te os movimentos. Conhecido
Meu int'resse em seguir-t'os—que já mesmo
Nem sequer occultal-o eu bem tentava—
Volvias para mim a vista a furto.
Não foi uma só vez que as vistas nossas
Quasi ainda a pesar teu se encontraram.
Sorrira-te uma vez, e a tal sorriso
Mais uma vez córaste, e pretendendo
O contagio illudir, 'scondeste os labios
Em o niveo lencinho. Foi apenas
Scena tal o bastante p'ra que, ó Julia,
Desde tam felicissimos instantes
Nos prendesse um ao outro amor eterno....
.....
.....

Que successos depois ! Quanta ventura,
Quanto goso instantaneo a reservar-nos
Muita dôr no futuro ! Oh ! antes, Julia,
Nos viramos jámais, ou nos amaramos
Qual nos amamos tanto ; já que a sorte
Tam infausta p'ra nós se preparava...
Nem nos resta hoje o triste lenimento
De uma esperança ! Abraça-te comigo
Ao menos, ó querida, ao lenho santo
Do Justo que foi, é e será sempre
Consolo ao pobre desditoso, e unico
Fanal de esp'ranças para além da campa...

Novembro de 1868.

XLV

CANÇÃO.

(VERTIDA DO HISPANHOL.)

Não saias, lua, tam clara,
Que me causas dissabor:
Não é mister luz alguma
N'esta vereda de amor.

Luz com teu pallido brilho
Onde possas alegrar;
Apparece ao marinheiro
Clara e pura em alto mar.

Não distante a amada anciosa
Me espera na mata em flôr;
Tua luz é importuna
Para os segredos de amôr.

Que é formosa e peregrina
A' luz do dia já vi;
De noite seu rosto angelico
Não necessita de ti.

Para dar brilho a seu rosto
De seus olhos a luz basta:
Esta jámais não se apaga;
Mas a tua alfim se gasta.

Meu rogo escuta benigna;
Falla-te o meu coração:
Deixa que eu vá mesmo cego
Por meio da escuridão.

Alfim te occultas?... Ai, lua,
Escutaste o meu clamôr...
Santo Deus, que de ventura!
Imos a morrer de amôr...

XLVI

E' TARDE.

A GOSMINDO D. FREITAS.

(RESPOSTA.)

Mis illusions passaron
Para nunca mas tornar!
Aves que ugando cantaron,
Y con sus alas rasaron
De mi vida el turbio mar...

G. Y. S.

Eu tive, eu tive já na vida encantos,
De affectos santos já fruí ternuras,
Já na minha alma se abrigaram crenças
Meigas, intensas, deificantes, puras.

Longe da patria, na infantil idade
Terna saudade inspirou já meu canto!
Nas proprias magoas encontrei alento;
Por lenimento tive já meu pranto.

Ditosa infancia! bem ditosa!—oh! quanto
Foi doce o encanto d'essas horas findas
Cheias de flôres de innocencia, airosas,
Gratas, mimosas, prasenteiras, lindas!...

Aos devaneios me entreguei um dia:
Que de magia lhes achei—em mal...
Após os gosos de reaes loucuras
Vem sempre agruras de pesar fatal!

Vem,—e de fel oh! que travor tam largo!
Vem,—e que amargo extravasar de dôr!
Ao trago sempre de maior doçura
E' a amargura a succeder maior.

Cansado, exhausto, peregrino errante,
Não tento avante procurar sequer
Se não o olvido do desvio incerto,—
Do cahos que, aberto, me tentou sorver.

Poeta, obrigado!—Tua voz de encanto
Ouvi com pranto... pois é tarde.—Adeus.
Oh! Deus te guarde essa crença cheia
De luz que anceia remontar-te aos céos!

Agosto de 1871.

XLVII

DUVIDAS.

Eu não sei, não, porém creio
Que tu de mim te esqueceste:
Signaes em ti já não leio
D'esse amôr que me tiveste...
Ai, que saudades n'esta hora
Eu sinto ainda, querida,
Por essa passada vida,
Por essas ditas d'outr'ora!

Eu quatro lustros já tinha;
Tu, tres contavas sómente;
Eras travessa e louquinha,
Eu muito amante... e contente...
Hòje escrava és do dever!
Oh! bem o sei—não repitas:
Mas... que duvidas malditas!
Eu temo de me perder...

XLVIII

CARIDADE.

Caridade!—Nobre exemplo
Que na pratica excellente
Lega ás gerações vindouras
A geração do presente!

Salvè grata e san virtude
Que entre a actual civ'lisação
Ganha força, e luz e vida
Por meio da associação.

O artista probo e honesto
Na sua officina é um nobre;
E' nobre a blusa que veste,
E' nobre o suor que o cobre.

A sua mão callejada
Velho... invalido... a tremer,
Como outr'ora, ao potentado
Já não precisa estender.

Na associação protectora,
Na creche, asylo, hospital
Encontra abrigo seguro
O pobre, o afflicto de mal.

Sobre este palco acanhado,
Humildes, sós... sem um guia
Vimos, senhores, pedir-vos
Muito talvez—sympathia.

N'estes recreios modestos,
—Por muitos julgados futeis—
Procuramos instruir-nos
E á sociedade ser uteis.

Instruir-nos—que é o theatro
Eschola aonde em verdade
O antigo viver se espelha
E a moderna sociedade;

E á sociedade ser uteis;
Pois, Senhores, nos trazeis
Um ob'lo que em bençãos d'alma
Fructificado vereis.

Pequeno nasce o gigante—
Que importa, pois, que hoje nós
Ás proprias forças entregues
Sejamos poucos e sós?...

A'manhã seremos muitos!
Salvè dia do porvir!...
Temos por nós do futuro
Santa crença a nos sorrir.

Qual o naufrago que busca
Salvar-se em frageis destroços,
Busquemos salvar-nos todos
Creanças, velhos e moços.

Que importa que dos destroços
Nos leve a vaga um fragmento?—
Nem sempre inteira resiste
A taboa de salvamento.

Coragem! Luta e mais luta!
Uma hora mais e... talvez
Terra firme e salvadora
Pisarão os nossos pés.

Nenhum de nós tema o abysmo:
Temos força de vontade,—
E é bastante quando d'ella
Não se a fasta a—probidade.

E a vós que á nossa coragem
Tendes dado o galardão,
Senhores, que vos daremos?—
Muita e muita gratidão.

XLIX

A FÉ.

(VERSÃO DO HESPANHOL.)

Tu és luz e não mostras resplendores,
Azas não tens e aos cherubins igualas,
Tu és flôr e não tens da flôr as galas,
És perfume e recusas teus olôres,

Do mar tu és a onda dos amôres
E na praia do mundo não resvalas,
Tu és a nuvem que o espaço escalas,
Porém que vêr não deixas teus vapores,

Tu d'alma és a musica ineffavel
Sem que os acordes teus sejam ouvidos,
Tu és iman que, occulto, és impalpavel;

Tua attracção se exerce nos sentidos:—
E tal és porque a FÉ que aos céos ascende
Nossa humilde rasão não comprehende.

L

DESPEDIDA AO ANNO DE 1874.

Vai-te, foge... sê bem ido
Anno mofino e fallaz!
Vai-te louco e presumido
P'ra casa de Satanaz!
Poucas saudades nos deixas,
Pois abundam-nos as queixas
Com que assás te maldizer.
Vai-te, foge... sê maldito,
E no correr do infinito
Que outro igual não possa haver.

Vais ser do nada escondido
Lá no abysmo entre baldões,
Velho, feio, carcomido
E com pessimas acções!
Bem se vê que não querias
Deixar-nos entre agonias
De saudades a carpir;
Pois até, por fim de tudo,
C'uma cara de trombudo
Te estás hoje a despedir.

Foste um anno arrenegado
Que não podias ser mais;
Té devias ser riscado
D'entre todos os annaes.
Serás de horror apontado
Dos abysmos do passado
Nas historias que virão:
Por necrologio sómente
Hasde ter de muita gente
Uma eterna maldição.

Vai-te, pois, e em teu caminho
Não queiras ser máo tambem
Contagiando o pobresinho
Que succeder-te já vem,
De males desimpregnado

O triste do envergonhado
Deixa tu ao menos vir;
Não pretendas fazer certo
O rifão que diz:—bem perto
Quem bom me faça hade vir.

Mas lembro que a utilidade
Não te deverei negar
De mais um anno na idade
Eu poder hoje contar...
Mas nem essa te agradeço:
Por um semelhante preço
Escusavas de cá vir...
Maldito! vi-me a um espelho:
Deixaste-me, além de velho,
C'uma cara de fugir!

Mas verdade é que podias
Dar cabo de mim tambem
P'ra não fruir alegrias
Que promette o anno que vem.
Perdão!—foste meu amigo:
O quanto hei dito desdigo
A uma tal consid'ração...
Deixas-me velho—mas vivo:
Não, não devo ser-te esquivo
Com a minha gratidão.

Dezembro 31 de 1874.

NOTAS

I—pag. 51.

D'ENTRE O CURTINHO JALECO.

Jaleco, entre as camponesas de uma parte do nosso Minho, quer dizer collete. Não duvido apresentar esta nota para esclarecimento de alguns dos leitores, embóra se torne superflua para a maior parte d'elles.

II—pag. 91.

A F. XAVIER DE NOVAES.

Foi por mim offerecida esta poesia ao mallogrado poeta por occasião de sua chegada ao Rio de Janeiro.

III—pag. 185.

E' TARDE.

Esta poesia é resposta a uma que o Ill.mo Snr. Gosmindo Dias de Freitas—a quem ainda hoje não tenho a honra de conhecer pessoalmente—se dignou offerecer-me, publicada no n.º 63 do primeiro anno da—*Atalaia do Vez.*

IV—pag. 191.

CARIDADE.

Foi esta poesia feita para ser recitada por um dos directores da associação artistica Monçanense na noite em que, a beneficio de tal associação se representava o drama—Probidade—e em cujo desempenho o dito director tomava a primeira parte.

ERRATAS.

Ainda á mais escrupulosa revisão não deixa jámais de escapar maior ou menor numero de erros typographicos. Apontarei alguns dos que se encontram n'estas minhas poesias.

Pag.	45,	aonde se vê	tributationis	leia-se	tribulationis.
»	50	»	á toa	»	á tôa
»	51	»	cortinho	»	curtinho.
»	53	»	hei-de ser?	»	hei-de ser:
»	75	»	bejos	»	beijos.
»	95	»	polita	»	politica.
»	102	»	olvidio	»	olvido.
»	103	»	As estações	»	Ás estações.
»	110	»	a dura	»	á dura.
»	117	»	angellin	»	augellin.
»	»	»	canto	»	cauto.

INDICE.

INTRODUCÇÃO		. . . . .	VII
I	—	Invocação	11
II	—	Ultimos momentos de Camões	15
III	—	Preludios	21
IV	—	Fragmentos	23
V	—	Deus	27
VI	—	Para que?	31
VII	—	No album da Ex.ma Snr.a D. M. F. G. R. . . .	33
VIII	—	A Communhão da Virgem .	37
IX	—	Tardes de estio	41
X	—	Consummatum est . . .	45
XI	—	A Pastora	49

XII	—	Adeus	55
XIII	—	A Noite	59
XIV	—	Pobre Elisa	63
XV	—	Eu fui feliz?	67
XVI	—	Sobre o tumulo de Dioclecia-no David Cesar Pinto .	69
XVII	—	Se eu podesse!	73
XVIII	—	Exemplo	77
XIX	—	Uma noite no Brasil . . .	81
XX	—	Eu era triste!...	87
XXI	—	A Faustino Xavier de Novaes	91
XXII	—	Paixão	99
XXIII	—	Em vão!	101
XXIV	—	Flôres murchas	105
XXV	—	O dia de finados	107
XXVI	—	Rosa d'aldeia	111
XXVII	—	No album da Ex.ma Snr.a D. M. N. R. Teixeira . .	115
XXVIII	—	Foi tempo!	117
XXIX	—	A fructeira	121
XXX	—	Uns olhos	125
XXXI	—	Improviso ás damas Valen-cianas	129
XXXII	—	Vem	131
XXXIII	—	O inverno	135
XXXIV	—	Que mal te fiz eu? . . .	141
XXXV	—	O veterano	145
XXXVI	—	Descrença	149
XXXVII	—	Não fui eu	153
XXXVIII	—	A Portugal	155
XXXIX	—	Desenlace	161

XL — No album de F. J. R. A. . 167
XLI — Saudades 169
XLII — Na primeira pagina do album de F. D. V. . . . 171
XLIII — Quando eras menina . . 175
XLIV — Memorias 179
XLV — Canção 183
XLVI — E' tarde 185
XLVII — Duvidas 189
XLVIII — Caridade 191
XLIX — A fé 195
L — Despedida ao anno de 1874 . 197
Notas 203

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Nov. 2008

PreservationTechnologies
A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 024 330 122 1